

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**LETRAS PORTUGUÊS**

**CLAUDIA CECÍLIA SILVA DOS SANTOS**

**GRAMÁTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS  
BRASILEIRAS: UM BREVE HISTÓRICO**

**MACEIÓ/AL**

**2020**

**CLAUDIA CECÍLIA SILVA DOS SANTOS**

**GRAMÁTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS  
BRASILEIRAS: UM BREVE HISTÓRICO**

Artigo Final apresentado como conclusão do curso  
de licenciatura em Letras Português, da Faculdade  
de Letras na Universidade Federal de Alagoas.  
Orientadora: Prof. Dra. Telma Moreira  
Vianna Magalhães

**MACEIÓ/AL**

**2020**

# GRAMÁTICA E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: UM BREVE HISTÓRICO

Claudia Cecília Silva dos Santos<sup>1</sup>

## RESUMO

O artigo em destaque procura fazer um breve histórico sobre o estudo da gramática e da língua portuguesa nas escolas brasileiras por considerar que esse estudo seja essencial para que se entenda melhor os problemas que cercam o ensino contemporâneo. O objetivo desse estudo é apresentar um breve histórico do ensino da gramática nas escolas e mostrar o peso que tal ensino tem nas dificuldades em relação a sua aprendizagem pelos alunos. Na metodologia deste artigo, apresentamos uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Foram pesquisados sites de pesquisas como: Google Acadêmico; Scientific Electronic Library Online – SciELO; Ministério da Educação – MEC; dentre outros. O trabalho inicia-se com um relato sobre o surgimento da gramática e o seu desenvolvimento há mais de dois mil anos e sua evolução no Brasil. Ainda foi feita uma abordagem reflexiva sobre o desenvolvimento da gramática onde foi colocada em questão o papel da escola no que se refere ensinar a leitura e a escrita e destacadas as práticas de ensino da língua portuguesa em sala de aula, pois entende-se que a prática de ensino não tem alcançado efeitos tão desejados na educação. Procurou-se mostrar, também, a importância do aprendizado da língua portuguesa para os educandos. Nos resultados e discussões, foram colocados em questão alguns aspectos que norteiam a gramática e a importância de inovar no processo de ensino da língua portuguesa. Na conclusão, destacou-se que o aprendizado da língua portuguesa ainda precisa melhorar já que os alunos encontram dificuldade nesse processo de aprendizagem.

**Palavras-chave:** Língua Portuguesa; Ensino; Gramática; e Escolas Brasileiras.

## ABSTRACT

The featured article seeks to make a brief history about the study of grammar and the Portuguese language in Brazilian schools, as it is understood that this study is essential to better understand traditional and contemporary teaching. The aim of this study is to present the evolution of grammar and teaching of the Portuguese language and its importance for students who have difficulties in their learning. In the methodology of this article was made a bibliographic search to several electronic sources that contained important subjects for the elaboration of the content, where we tried to analyze several websites of the Internet. Search sites such as Google Scholar; Scientific Electronic Library Online - SciELO; Ministry of Education - MEC; among others. The work begins with a report on the emergence of grammar and its development more than two thousand years ago, as well as its evolution in Brazil. A reflective approach was also taken to the development of grammar where the role of the school in teaching reading and writing was questioned. Also highlighted were the practices of teaching the Portuguese language in the classroom, as it is understood that the teaching practice has not achieved such desired effects on education. The importance of the Portuguese language for the students was also discussed. The results and discussions put into question some aspects that guide grammar and the importance of innovating in the process of teaching the Portuguese language. In the conclusion it was highlighted that the learning of the Portuguese language still needs to improve since the students find it difficult in this learning process.

**Keywords:** Portuguese Language; Teaching; Grammar; and Brazilian Schools.

---

1 Graduanda no Curso de Letras pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL. E-MAIL: [claudiacecilia\\_7@hotmail.com](mailto:claudiacecilia_7@hotmail.com).

## **INTRODUÇÃO**

O ensino da gramática é aplicado a partir das primeiras séries ampliando-se até o término do processo educativo. Para que tenhamos que medir, entender e, até mesmo criticar o ensino da gramática apontando seus prós e contras, é necessário ampliarmos um estudo sobre a própria gramática: como se originou, suas finalidades e contribuições para o aprendizado expressivo da linguagem pelos alunos (RIBEIRO, 2016).

Procura-se, neste estudo, fazer uma discussão precisa sobre o ensino de gramática nas escolas brasileiras. Afim de que os profissionais do ensino de língua portuguesa e, até mesmo os alunos, possam refletir sobre os principais pontos que envolvem essa disciplina para que possam ter visão ampla sobre o porquê de o ensino dessa especialidade estar no foco das discussões atualmente.

O objetivo desse estudo é apresentar a um histórico da evolução da gramática e do ensino da língua portuguesa, bem como mostrar a importância de tal ensino para os alunos. Entende-se que, ultimamente nas salas de aulas, especialmente nas aulas de língua portuguesa, surgem determinados questionamentos em relação a forma como os educandos estão sendo orientados para atuar socialmente e saber se posicionar em diferentes situações interacionistas a que estão expostos diariamente.

O artigo pretende demonstrar como é a realidade das nossas escolas e do processo educativo, que tem apresentado uma ineficácia e gerado falhas para o processo de aprendizagem dos alunos que apresentam sérias dificuldades para aprender a ler e escrever. A língua portuguesa tem sido vista como um sistema constante, onde transformações não são consentidas, levando a um desmembramento na aprendizagem e, como consequência, as aulas de gramática não se envolvem com as aulas de leitura e com a produção de textos (CRUZ, 2016).

As aulas de língua portuguesa deveriam ser alteradas quanto as técnicas empregadas no ensino de gramática, pois para alcançar determinadas metas de aprendizagem, o ensino simplista de regras não se mostra como um método eficaz. É preciso fazer com que o aluno se envolva com textos que mostrem como os diversos usos da língua funcionam.

## **1 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **1.1 Um Breve Histórico da Gramática e sua Origem**

A gramática surgiu há mais de 2 mil anos, muito antes da era cristã na escola de Alexandria. Os gregos foram os pioneiros no estudo gramatical e tinham por finalidade com

tal estudo mostrar a pureza do dialeto grego que tinha sido contaminada por dialetos de outros povos bárbaros da época (CORRÊA, 2014).

Toda preocupação e cuidado que esses gregos tiveram para proteger a língua, se iniciou com a comprovação de diferenças linguísticas na linguagem em curso da população em relação à língua antiga. Com medo que essas diferenças pudessem alcançar e transformar a língua, os gregos instituíram uma gramática da mesma, com a função de assegurar e conservar sua originalidade.

Com o surgimento do Império Romano, que dominou os outros povos, eles “romanos” receberam esse conhecimento dos gregos, e traduziram do latim os nomes das partes da oração e dos acidentes gramaticais. Várias destas denominações chegaram até o nosso presente. Foi a partir do século XIX, que apareceu a gramática comparativa cujo objetivo era descrever línguas. O Trácio chamado Dionísio, que era um gramático grego, escreveu a "Arte da Gramática", obra que serviu de apoio para as gramáticas grega, latina e de outras línguas da Europa até a Renascença (BECHARA, 2010).

A chamada gramática especulativa, ou o método dos gregos, é consistente com as concepções Aristotélicas e apresenta uma tendência a considerar que o estudo do que dizemos é um bom caminho para considerar o que sabemos e incluir o que pode ser dito. Já a abordagem comparativa caracteriza-se pela utilização do método comparativo, que consiste em comparar formas semelhantes de línguas consideradas como sendo da mesma família de línguas. A Linguística Comparada, também chamada de Gramática Comparada ou Comparativa, tem como objetivo estabelecer correspondências entre línguas para poder estabelecer suas relações de parentesco.

Como estudioso na área, Boas foi contra a metodologia clássica da gramática ao pesquisar línguas não indo-europeias que precisavam de provas escritas. A análise descritiva, que vinha desses dois autores, desenvolveu um processo preciso e científico, além de apresentar as unidades formais mínimas de qualquer língua.

Entende-se que a invenção da gramática sempre foi, e permanece sendo, uma maneira de dominar uma certa língua com vistas a evitar o seu desaparecimento ou declínio. Tal domínio expõe interesses mais extensos que vão além da simples conservação da língua, entre eles estão interesses políticos, econômicos e sociais. Nada mais perfeito do que empregar a linguagem como forma de predomínio.

### 1.1.1 A História da Gramática no Brasil

Torna-se imprescindível reconhecer a trajetória do Ensino de Línguas no Brasil para poder entender tudo o que já foi explorado e compreender o panorama atual de ensino-aprendizagem de línguas. Devido este estudo, pode-se identificar os vestígios peculiares do enfoque da gramática do ensino de línguas no país desde a sua descoberta.

Podemos observar que o estudo da gramática se fez presente desde os tempos mais longínquos, mesmo que de maneira subentendida, na coordenação e no apoio para a instrução de línguas nos colégios brasileiros. Isso implica dizer que a estrutura que desenvolve o âmbito do ensino de línguas em nosso país está atrelada à essência organizadora que possui a gramática.

As múltiplas metodologias de ensino empregadas no ensino de línguas nos últimos 500 anos exibem descrições próprias que as diferenciam de modo superficial. Contudo, precisa-se questionar aqui que uma propagação mais ampla pode ser subtraída dessa sequência metodológica como um embasamento conceitual constante para o desenvolvimento do ensino de línguas em todo Brasil. Observa-se que esse núcleo filosófico ou de enfoque geral vem sendo assegurada pelo desenvolvimento do estudo da gramática como componente fundamental, podendo ser no ensino ou na aprendizagem de línguas no Brasil (SATELES; FILHO, 2010).

Os autores supracitados destacam o ensino de línguas no Brasil e relatam que esse ensino de línguas é do mesmo período da ocupação das terras descobertas pelos portugueses que em seguida passariam a ser conhecidas como o nosso Brasil. Segundo Santos (2012) No ano de 1549, os padres jesuítas, seguidos pelo primeiro governador geral nomeado pelo governo português, Tomé de Souza, chegaram à região, e já no começo entenderam que necessitavam desenvolver determinada estratégia para seduzir os nativos que ali moravam para o governo de Portugal e para a Igreja Católica.

Para seduzir esses indígenas a saída era conhecer a língua. Se eles (Portugueses e Padres Jesuítas) pudessem entender os povos nativos (o tupi) conseguiriam chegar à finalidade que Portugal queria, que era submeter os nativos aos seus desígnios, e sucessivamente, satisfazer a sua própria finalidade de convertê-los a religião cristã. Assim, nesse período, o idioma Português pôde ser adotado como uma segunda língua, pois os Jesuítas deram prioridade ao idioma Tupi para promover a uma junção melhor com os indígenas e catequizá-los (SANTOS, 2012).

O período da vinda de toda a família real de Portugal para o Brasil, em 1808, até a instauração da primeira república (1889) e sua vigência (1930), foi o momento da

implantação de grupos de pessoas instruídas da burguesia e um determinado abandono da educação básica a nível pouco importante de uma forma universal, foi um período que não apresentou transformações expressivas na maneira de se instruir sobre as línguas (SCAGLION, 2019).

Ainda conforme Scaglione (2019), nesse período os escritos são vistos da mesma maneira como no ensino das línguas mais antigas, tendo como finalidade a leitura e tradução, onde a gramática é especificamente analisada e desenvolvida. Esta forma de instruir que prioriza o estudo das normas gramaticais e da linguagem a ser entendida para traduzir textos e documentos ficou conhecida como Método da Gramática e Tradução na Europa, e permaneceu sob essa formalidade de extenso conhecimento desde o ano de 1840.

Foi em 1931 que o Brasil passou por uma ampla transformação no aprendizado das línguas com a escola, com a implementação de um processo de grande importância na época, “o método direto científico”. Conhecido como método da reforma, esse método se apresentou como uma reação ao entrar em vigor, indireto, gramatical ou clássico que definia a utilização frequente da língua-alvo nas aulas, sem espaço para a tradução e com um ensino analítico da gramática (MORATTI, 2011).

Para Moratti (2011) dois dos maiores difusores da prática direta no Brasil foram Antônio Carneiro Leão (1935) e Maria Junqueira Schmidt (1935), e para esses estudiosos nacionais precursores, esse procedimento foi de grande importância para fazer o ensino de línguas voltar a funcionar no ambiente educativo por conceber novas aberturas sob um véu de suposições teóricas inovadoras. Essa visão posta no processo direto não se resiliu inteiramente no transcorrer dos 80 anos seguintes.

Se existe no momento um enfoque comunicativo a ser analisado, ele precisa ser tomado em aversão ao outro enfoque. Os procedimentos de base gramatical são iniciais de uma base de investida voltada para o desenvolvimento da gramática como apoio organizacional para todas as substancialidades que perpetrados como educadores no ensino formal de línguas.

Precisamos distinguir aí uma “Abordagem Gramatical”, com suas considerações que fundamentam a língua estrangeira, de instruir-se sobre essa língua e de ensiná-la com coordenação. No decorrer dos relatos sobre o ensino de línguas no país teremos de distinguir diversos processos gramaticais que, por força do enfoque que os conduz, leva-nos a fazer parte de uma procedência própria de métodos gramaticais (SCHNEIDER, 2010).

Ao se reconhecer isso, distinguiremos dois amplos modelos para instituir o ensino de línguas que não mais se concebem como uma sequência franca de disposições sistemáticas ao

gosto das causas de cada período. As investidas são disposições elevadas que instituem, em último momento, filosofias de aprender, contrair e ensinar línguas, sejam elas nacionais ou estrangeiras.

## **1.2 Uma Abordagem Reflexiva sobre o Ensino de Gramática**

Se colocarmos em questão o papel da escola para com os alunos, podemos ter como resposta, “ensinar a leitura e a escrita”. Para ampliar esse papel, a escola emprega a gramática como alvo inicial, a qual vem a ter a função fundamental no processo ensino/aprendizagem, porque se espera que para que a criança aprenda a ler e a escrever, ela carece de ter um bom domínio da gramática da língua.

Contudo, existem vários julgamentos a esse procedimento, porque o modo como a gramática vem sendo ensinada nas escolas não tem colaborado com a finalidade do ensino da língua portuguesa, que seria ampliar a competência linguística dos educandos. De tal modo, o ensino da gramática torna-se ineficaz. Percebe-se que a escola, ao oferecer tanto destaque à gramática da língua, com múltiplos exercícios gramaticais, abandona diferentes componentes que cooperariam bastante para o correto controle da linguagem pelo aluno (MAGALHÃES; GARCIA-REIS; FERREIRA, 2017).

Segundo esses autores, torna-se totalmente difícil refletir sobre o ensino de língua portuguesa encarregado de instruir a leitura e a escrita, sem que a gramática nos venha na mente. Conferimos impensadamente o aprendizado destes, ao aprendizado da gramática nas escolas.

Com certeza o mesmo acontece com os educadores que, em diversas ocasiões, sem entender e sem ter formação satisfatória, aliam esse entendimento de que para ter domínio sobre a língua é preciso ter o domínio de sua gramática, que termina com o fracasso linguístico dos educandos, os quais ao invés de estudarem a língua em seu completo funcionamento, estudam separadamente somente sua gramática (AQUINO, 2015).

Assim, entende-se que as aulas de Língua Portuguesa têm que ser alteradas quanto as técnicas usadas no ensino de gramática, porque, para chegar a determinadas metas de aprendizagem, o ensino de nomes e normas não são mais eficazes. É preciso fazer com que o educando se envolva com textos que circulam em seu contexto, para tanto, os mesmos deverão desenvolver suas próprias produções textuais de maneira coerente e coesa.

Com isso, o ensino de Língua Portuguesa deve priorizar a leitura e a produção textual para que funcionem como fatores essenciais na assimilação de conhecimento, considerando que tanto uma quanto a outra sejam, certamente, ferramentas favoráveis do ensino.

Se por um momento pararmos para refletir sobre o papel que a escola desempenha em relação ao ensino da língua, chegaremos a mesma conclusão sempre: ensinar o aluno ler e escrever de maneira correta. É comum afirmar que a gramática é um campo de estudo que permite a escola exercer esse papel, ou seja, ensina-se gramática com o objetivo de assegurar ao alunado o domínio da língua escrita.

As investigações sobre a eficiência do ensino de gramática aumentaram muito nos últimos anos; entretanto, a educação situada em atividades de difusão de regulamentos e conceitos gramaticais não-contextualizados tem sido assuntos em diferentes discussões e questionamentos sobre sua eficiência (VIEIRA; DORR. 2014).

Com isso entende-se que, utilizar a gramática como objeto de ensino nas aulas de língua portuguesa tem sido ultimamente um tema polêmico, sobretudo quando se trata de formar bons leitores que tenham condições de organizar seus próprios textos, sejam eles escritos ou até mesmo orais.

Para Avelar (2017) um dos aspectos mais criticados da abordagem gramatical nas escolas é a dissociação que se faz entre a análise linguística e o estudo dos efeitos de sentido aliados ao uso das diferentes formas.

Portanto, é fundamental para o ensino da gramática que os educadores enxerguem os alunos como analistas descritivos da gramaticalidade, levando em consideração não apenas o conjunto puramente teórico, normativo e dados linguísticos, mas também as regras gramaticais que os alunos internalizam e utilizam naturalmente no funcionamento da língua.

### **1.3 Práticas de Ensino da Língua Portuguesa em Sala de Aula**

Existem muitas comprovações de que a prática de ensino da língua não tem alcançado efeitos que respondam, suficientemente, às demandas sociais da atualidade. Há um aparente descompasso entre a prática de ensino e o que estabelece o mercado profissional ou as relações interpessoais que apontam o funcionamento de algum grupo. A escola, normalmente, não tem acatado às reivindicações de um desempenho social participativo, pouco complicado, multifuncional e multimodal.

Sintonizando com a compreensão do que seja a linguagem, do que ela significa para a vivência pessoal e social dos indivíduos, e atendendo, também, ao propósito de superar as falhas citadas anteriormente, podemos sugerir determinadas urgências, ou prioridades para as atividades do dia a dia da sala de aula (LOUREIRO, 2014).

Neste sentido, Avelar (2017) explica que a mera exposição de paradigmas em gramáticas normativas não é instrumento eficiente para instigar os alunos a internalizarem e

compreenderem os temas propostos. Para tanto, o ideal é que os educadores promovam um conjunto de atividades para levar os alunos a reconhecerem as características do sistema linguístico e gramatical que empregam habitualmente. Desta forma, o educador abre espaço para um aprendizado analítico e reflexivo, utilizando como impulso o conhecimento linguístico que o estudante adquiriu ao longo de sua vivência e no seio de sua comunidade.

Percebemos aí que o cuidado do educador poderia estar voltado para descobrir o que acontece na escola e em sua volta, incentivos para essa prática de ensino de leitura e escrita, que, de tal modo, seriam contextualmente diferenciadas. O ensino da terminologia de determinadas classes gramaticais não necessitaria ocupar os interesses primários.

Conforme ensina Avelar (2017), o conceito de gramática internalizada possibilita a execução de atividades que valorizem a intuição dos estudantes a respeito de sua própria língua, com uma abordagem não normativa, mas descritiva da língua.

Nas séries iniciais do ensino fundamental, não competiria o ensino de especialidades gramaticais, como as diferenças entre ditongo crescente e ditongo decrescente, ou o reconhecimento de dígrafos nasais, ou a contagem de letras e fonemas de uma palavra. É preciso fazer com que os alunos possam ler, escrever e refletir sobre sua língua.

Como afirma Duarte (2008), desenvolver a consciência linguística das crianças deve ser visto como uma forma de reflexão sobre a língua, que é conduzida pelo educador como uma forma de descoberta. Desta forma, são desenvolvidas capacidades cognitivas amplas, de forma que os alunos são convidados a adotar métodos de trabalho próprios da investigação científica.

Portanto, faz-se indispensável que o professor seja paciente para atender todos os pontos de vista, realizando determinadas intervenções quando for o momento certo. Só depois, ao se assegurar de que todos já desenvolveram suas opiniões e conceitos, é que ele precisará tomar a palavra e fazer determinadas pontuações que esperamos serem corretas para o repensar de algumas consciências.

O professor de língua portuguesa tem ao seu alcance instrumentos importantes que podem colaborar em muito com o ensino da língua portuguesa. É bom ressaltar que não é necessário que façamos da aula uma simples exibição, mas que façamos dela um grande evento, uma ocasião importante para que o aluno entenda que a língua está em frequente desenvolvimento.

Para Nogueira (2013), as diferentes atividades referem-se a tudo aquilo que excede o livro didático e as cartilhas, são grandes aliadas no processo de ensino. Estão conexas não somente com os recursos didáticos que sugerimos, mas ainda com o processo que decidimos

aplicar. Ensinar Português desprezando que o aluno é dono da língua e que a ela apela em todos as ocasiões de interação seria não dar valor a própria esperteza do educando.

#### **1.4 A Importância da Língua Portuguesa para os Alunos**

Para Vieira; Ferreira e Schmidlin (2010), o estudo da língua portuguesa tem muito valor para o desenvolvimento da aprendizagem alcançado no ensino fundamental, permitindo a continuação dos estudos: a elaboração fundamental para o trabalho e a cidadania do aluno, o aperfeiçoamento do educando como pessoa humana, compreendendo o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento decisivo.

Faz-se imprescindível que a finalidade do ensino de língua portuguesa na escola se conduza para a aumento das atividades verbais do estudante, para as diferentes condições e interação social, por meio do desenvolvimento de capacidade e disposição pertinentes ao uso de expressões orais e escritas e para a reflexão sobre a língua, até mesmo no seu comprimento estética-literária (SILVA; SOUSA, 2017).

Mesmo que já se tenha debatido e escrito com intensidade a respeito do suposto caos no ensino de língua portuguesa nas escolas, em raras ocasiões se buscou saber como alunos apreendem esse assunto.

Bernardo e Naujorks (2016) relatam que:

Para desenvolver a competência linguística não basta o domínio da norma legitimada como “padrão”, o aluno precisa saber usar a língua em diversas situações que exijam graus de comunicação distintos. O estudo da nossa língua vai muito além de normas gramaticais, é necessário trabalhar com textos para que o aluno chegue à compreensão do uso da língua. (BERNARDO, NAUJORKS, 2016, p.6).

Marcamos como fatores fundamentais para o desinteresse e desmotivação dos alunos, a relação que é perpetrada e arquitetada a partir do comodismo que é observado em sala de aula. Ou seja, aulas com uso repetido do livro didático tiram a motivação dos alunos, sobretudo, daqueles que já tem um indicador baixo de rendimento na disciplina. De forma automática e uniforme, o processo de ensino do professor influencia abundantemente na interação e motivação para as aulas (MONTEIRO, et al, 2012).

## **2 METODOLOGIA**

Para elaborar esse estudo, foi necessário desenvolver um estudo metódico sobre o assunto em questão. Foi preciso fazer uma investigação qualitativa que possibilitou um grande conhecimento sobre a técnica que foi aplicada no trabalho em destaque.

O trabalho foi fundamentado em várias pesquisas de autores que fizeram estudos sobre a gramática e a língua portuguesa nas escolas brasileiras. Procurou-se fazer pesquisas a sites como: Google Acadêmico; Scientific Electronic Library Online – SciELO; Ministério da Educação – MEC; dentre outros.

Os critérios de inclusão e seleção no estudo foram documentos que abordassem a temática em destaque. Foram pesquisados 31 artigos. Destes, 7 foram excluídos, por não estarem em consonância com tema sugerido. Todo o conteúdo estudado para a elaboração desse trabalho foi publicado no período entre 2010 a 2019.

### **3 RESULTADO E DISCUSSÃO**

Ao fim da nossa pesquisa, foi possível entender e pensar muito sobre determinados aspectos que norteiam a gramática e o ensino da língua portuguesa nas escolas brasileiras. Podemos dizer que o ensino da gramática ainda é, em sua grande maioria, regulado pelo ensino de regras, sem contextualização. Ficou claro que a necessidade de ensinar e estudar a língua portuguesa por outro declive e a utilização de textos parece ser uma alternativa para que o ensino de gramática não permaneça gerando nos alunos a ideia de monotonia.

Assim, entendemos que as aulas deveriam ter como referência a leitura e produção de textos orais ou escritos, onde o aluno tivesse o prazer em estudar a língua portuguesa entendendo como a gramática de sua língua funciona. Com isso, a escola precisa desempenhar a função de estimular o aluno a refletir sobre as questões linguísticas, impulsionando-os a desenvolverem sua capacidade sócio comunicativa.

Como relatam Silva e Sousa (2017), é essencial que a finalidade do ensino da língua portuguesa leve o aluno a uma melhora significativa no processo de escrita e da leitura para desenvolver a sua interação social. Vieira; Ferreira e Schmidlin (2010) também destacam que o exercício da língua portuguesa melhora o entendimento, a reflexão, e conexão entre ideias, fazendo com que os alunos possam gerir bem sua própria conduta.

Com base em nosso estudo, foi possível concluir que o ensino da gramática nas aulas de língua portuguesa precisa continuar passando por reformulações. Deve-se proporcionar ao aluno uma nova forma de se estudar a língua que o leve a refletir sobre a mesma como um usuário que detém os saberes sobre sua estrutura.

### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com o que foi apresentado no decorrer da pesquisa, podemos observar que o ensino da gramática e da língua portuguesa no Brasil passou por uma grande evolução no que se refere

ao processo de leitura e escrita. Mas ainda falta muito para melhorar, já que muitos alunos encontram dificuldades para aprender a língua portuguesa.

O educador possui um papel de protagonismo neste processo de transformação, tendo em vista que, ao aplicar métodos que valorizam o desenvolvimento da consciência linguística, os professores serão capazes de promover o desenvolvimento da tolerância cultural e linguística das crianças e jovens, além de potencializar os resultados e a aprendizagem dos estudantes.

Prontamente, concluímos que ensinar a língua portuguesa é propiciar ao aluno uma maior capacidade linguística. Tendo em conta que a capacidade linguística vai além da sala de aula, preparamos o aluno para o futuro, para as mais diferentes situações diárias. Isso só será possível se o ensino de língua for entendido não como o ensino de um sistema de regras sem utilidade ou que sirvam somente para avaliar, mas entendido como uma forma motivadora, construtora de informações e de pessoas instruídas para o ambiente social, acadêmico, profissional e pessoal.

## **REFERÊNCIAS:**

ALVES, Maria F.S. **Leitura do Mundo, Leitura da Palavra: construção da competência leitora.** Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no curso de Mestrado em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Lisboa, 2012. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3812/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Maria%20Francisca%20da%20Silva%20Alves%20.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 15/08/2019.

AQUINO, Jaciara Limeira. **O Ensino da Gramática numa Perspectiva Funcionalista: o caso da concordância Verbal.** Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (PROFLETRAS), da Unidade de Pau dos Ferros/RN, 2015. Disponível em: <[http://www.uern.br/controladepaginas/defesas2015/arquivos/3539jaciara\\_limeira\\_de\\_aquino.pdf](http://www.uern.br/controladepaginas/defesas2015/arquivos/3539jaciara_limeira_de_aquino.pdf)>. Acesso em: 15/08/2019.

AVELAR, Juanito Ornelas de. **Saberes Gramaticais. Formas, normas e sentidos no espaço escolar.** 1. ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2017.

BECHARA, Evanildo. **Estudo da língua portuguesa: textos de apoio.** Brasília: FUNAG, 2010. 420p. Disponível em: <[http://funag.gov.br/biblioteca/download/696-Estudos\\_da\\_lingua\\_portuguesa.pdf](http://funag.gov.br/biblioteca/download/696-Estudos_da_lingua_portuguesa.pdf)>. Acesso em: 23/06/2019.

BERNARDO, Bruna Amaral; NAUJORKS, Jane da Costa. **Texto: objeto de ensino para o aprendizado de língua portuguesa.** Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – 7ª Edição. Trabalho de Conclusão de Curso. UFRGS, 2016. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br>>. Acesso em: 20/08/2019

CORRÊA, Elisa S.F. **A língua materna e a tradução no ensino-aprendizagem de língua não-materna: uma historiografia crítica.** Tese (Doutorado) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2014, 236 f. Disponível em:< [http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1112745\\_2014\\_completo.pdf](http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1112745_2014_completo.pdf)>. Acesso em: 22/06/2019.

CRUZ, Jaislaine S. **Ensino de Língua Portuguesa Contextualizado: Gramática, Leitura e Produção Textual.** Revista de Educação UniAGES, Paripiranga/BA v. 1, n. 1, p. 2-21, jun./dez. 2016. Disponível em:<<http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistadeeducacao/article/download/12/10/>>. Acesso em: 20/08/2019.

DUARTE, Inês. **O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística.** 1ª ed. - Lisboa : Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular, 2008. Disponível em: <[http://bibliografia.bnportugal.pt/bnp/bnp.exe/q?mf=161731&qf\\_AU==DUARTE%2C%20INES%2C%201951-](http://bibliografia.bnportugal.pt/bnp/bnp.exe/q?mf=161731&qf_AU==DUARTE%2C%20INES%2C%201951-) > Acesso em 27/01/2020

GONÇALVES, Letícia Aparecida de Araújo; BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. **Concepções de linguagem: gramática de língua portuguesa e ensino de língua materna.** Entretextos, Londrina, v.13, nº 02, p. 243 – 265, jul./dez. 2013. Disponível em:<<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/entretextos/article/download/16191/13898>>. Acesso em: 24/06/2019.

LEITE, Denise; FERNANDES Cleoni Barboza. **Qualidade da educação superior: avaliação e implicações para o futuro da universidade.** Séria Qualidade da Educação Superior. Observatório de Educação Capes/Inep, EDIPUCRS. Porto Alegre, 2012. Disponível em:< <http://www.ufrgs.br/inov/docs/qualidade-da-educacao-superior-aval-e-implic-p-o-futuro-da-univ>>. Acesso em: 16/08/2019.

LOUREIRO, Ana Paula. **Linguagem e letramento: construindo novos sentidos.** Pesquisas em Discurso Pedagógico, 2014. Disponível em:< <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23729/23729.PDFXXvmi=>>>. Acesso em: 16/08/2019.

MAGALHÃES, Tânia Guedes; GARCIA-REIS, Andreia Rezende; FERREIRA, Helena Maria; (Orgs.). **Concepção discursiva de linguagem: ensino e formação docente.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2017. Disponível em:< <http://www.ufjf.br/nucleofale/files/2010/06/Concep%C3%A7%C3%A3o-discursiva-de-linguagem-T%C3%A2nia-Magalh%C3%A3es-Andreia-Garcia-Helena-Ferreira-2.pdf>>. Acesso em: 15/08/2019.

MONTEIRO, Marco Aurélio A; MONTEIRO, Isabel Cristina C; GASPAR, Alberto; VILLANI, Alberto. **A influência do discurso do professor na motivação e na interação social em sala de aula.** Ciênc. educ. (Bauru). 2012, vol.18, n.4, pp.997-1010. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132012000400016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132012000400016&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20/08/019.

MORATTI, Maria do Rosário L. **Alfabetização no Brasil uma história de sua história.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. 312 p. Disponível em:< <https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/alfabetizacao.pdf>>. Acesso em: 24/06/2019.

NOGUEIRA, Gabriela M. **Práticas pedagógicas na Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental: diferentes perspectivas.** Coleção Cadernos Pedagógicos da EAD; v. 16. Rio Grande: Editora da FURG, 2013. Disponível em:< <https://sead.furg.br/images/cadernos/Novos/Cadernos/Volume016.pdf>>. Acesso em: 17/08/2019.

OLIVEIRA, Adriana A. **Educação em Foco: revista de educação.** Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação, Centro Pedagógico – Vol. 20, n. 3 (nov. 2015/fev. 2016) – Juiz de Fora: EDUFJF, 2015 – 355 p. Disponível em:< <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2016/03/Revista-Filosofia-da-Educa%C3%A7%C3%A3o-v20-n3-Web.pdf>>. Acesso em: 16/08/2019.

RIBEIRO, Nilza Yolanda R.L. **A literatura no processo de ensino-aprendizagem de língua espanhola nos centros de estudos de línguas.** Dissertação (mestrado) – Universidade Metodista de Piracicaba, 2016.194 f. Disponível em:< [https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/25102016\\_154132\\_nilzayolandaruizleiteribeiro\\_ok.pdf](https://www.unimep.br/phpg/bibdig/pdfs/docs/25102016_154132_nilzayolandaruizleiteribeiro_ok.pdf)>. Acesso em: 20/08/2019.

SANTOS, Fabricio Lyrio **Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia (1750-1800).** Universidade Federal da Bahia / Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador/BA, 2012. 315 p. Disponível em:< [https://indiosnonordeste.com.br/wp-content/uploads/2015/01/Da-Catequese-a-Civilizacao\\_indiosNE.pdf](https://indiosnonordeste.com.br/wp-content/uploads/2015/01/Da-Catequese-a-Civilizacao_indiosNE.pdf)>. Acesso em: 4/06/2019.

SATELES, Letícia Maria D; FILHO, José Carlos P.A. **Breve Histórico da Abordagem Gramatical e seus Matizes no Ensino de Línguas no Brasil.** Revista HELB, ANO 4 - Nº 4 - 1/ 2010. Disponível em:<<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-4-no-4-12010/144-breve-historico-da-abobreve-historico-da-abordagem-gramatical-e-seus-matizes-no-ensino-de-linguas-no-brasil>>. Acesso em: 24/06/2019.

SCAGLION, Luiz Fernando. **Políticas Nacionais sobre o ensino da língua inglesa no Brasil: o que dizem os documentos sobre a sua inserção nos currículos escolares.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. 2019 152 f. Disponível em:<[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181688/scaglioni\\_lf\\_me\\_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181688/scaglioni_lf_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y)>. Acesso em: 24/06/2019.

SCHNEIDER, Maria Nilse. **Abordagem de ensino e aprendizagem de línguas: Comunicativa e intercultural.** Contingencia – Revista do setor de Alemão da UFRGS, v. 5, n. 1 (2010). Disponível em:< <https://seer.ufrgs.br/contingencia/article/view/13321/7601>>. Acesso em: 25/06/2019.

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antonio Paulino de. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural.** Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez. 2017.

VIEIRA, Ethieli; DORR, Juliane L.C. **Ensino de gramática: O trabalho de reflexão linguística nas salas de aula do Ensino Fundamental.** X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014. Disponível em:< [http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq\\_pdf/781-0.pdf](http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/781-0.pdf)>. Acesso em: 14/08/2019.

VIEIRA, Rita Alves: FERREIRA, Racilda Maria Nóbrega: SCHMIDLIN, Regina de Fátima Mendes. **A prática pedagógica de professores de língua portuguesa em uma perspectiva de transversalidade e desenvolvimento de competências comunicativas.** Revista F@ciência. Paraná. V.7. nº 3. P. 26-40. 2010.